

PORTFÓLIO

NO RITMO DA REPRESENTATIVIDADE

JOSIMEIRE BATISTA

COMO SURGE O PROJETO

O projeto intitulado “No ritmo da representatividade” nasceu a partir da observação das ações das crianças, em sua maioria negras, enquanto brincavam de casinha. Durante as brincadeiras, elas pegavam as bonecas brancas do acervo da sala, mas sempre deixavam de lado as bonecas pretas. Essa atitude observada, revelava que as crianças apresentavam dificuldades para reconhecer e valorizar a sua origem étnica e muitas vezes não apresentavam uma imagem positiva de si. Ressalta-se que quando questionadas sobre o porquê não pegavam as bonecas pretas, justificavam dizendo:

C- Eu não gosto dessa boneca [referindo-se a boneca preta], essa aqui é mais bonita [boneca branca].

D- Essa boneca é muito ruim de brincar com ela. Ela é feia.

Como se o contexto das crianças espalhadas pelo Brasil fosse o mesmo e suas histórias convergissem em algum ponto, Cavalleiro descreve a mesma constatação que faço atuando na pré-escola desde 2012 : “A relação diária com crianças de quatro a seis anos permitiu-me identificar que , nessa faixa de idade, crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem” (CAVALLEIRO, 2018, p. 10).

Os discursos e ações das crianças revelavam a negação da sua identidade étnica, quando as mesmas pegavam o lápis de cor bege para representar “a cor da pele”, escolhiam a boneca branca em detrimento da boneca preta para brincar, e até mesmo chamavam uns aos outros de “cabelo duro”. Essas atitudes fizeram-me repensar a forma como eu estava trabalhando a temática em sala e a pertinência de elaborar uma intervenção sobre a questão racial com as crianças.-

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro, e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e abundância de estereótipos negativos sobre negros (CAVALLEIRO, 2018, p. 19).

Caminhar em direção a valorização de uma educação para as relações étnico-raciais, que tenha um valor significativo para toda sociedade, desconstruindo a visão preconceituosa historicamente construída em relação ao negro, utilizando a Arte como instrumento necessário para chegar a esse destino, é como recontar uma história impregnada de sentidos para quem conta e escuta. Ou até mesmo, espelhar-se nela para mudar perspectivas dando visibilidade a beleza relacionada as diferenças culturais, estimulando o autoconhecimento, a autoestima e o respeito ao próximo.

O Cabelo de Lelê, livro escrito por Valéria Belém, ilustra bem como uma criança pode aprender a amar-se, simplesmente por conhecer as suas origens através da reconstrução de uma memória registrada em um livro. Nele, tinha registrado referências positivas de sua herança étnica. Relacionar essa história ao uso da arte educação como instrumento para educar para as relações étnico-raciais se faz necessário, pois ela tem como protagonista menina negra que inicialmente se olhava no espelho e não gostava do que via, mas após conhecer sua história, passou a amar e orgulhar-se do seu cabelo e da cor da sua pele (BELÉM, 2017).

O referido projeto, surge como uma possibilidade de ação da escola para promoção de uma educação para as relações étnico-raciais, buscando utilizar a arte educação como ferramenta propulsora de novas propostas de currículo e ações para a infância no contexto da Educação Infantil. Para tanto, a pesquisa-ação se fez necessária, uma vez que a mesma “requer um compromisso do pesquisador com a população pesquisada a fim de buscar coletivamente alternativas para resolução dos problemas que afligem essas pessoas ou, mais precisamente, com a comunidade pesquisada” (OLIVEIRA, 2016, p. 74).

O projeto foi realizado na Escola Municipal Francisca de Sande, localizada no subúrbio ferroviário de Salvador, que tem como sujeitos quarenta crianças entre 4 e 5 anos e seus familiares, pertencentes as turmas do grupo quatro. A participação das famílias no projeto foi demarcada pela presença feminina (mães, avós, irmãs, primas, tias, e até vizinhas), que abraçaram a ideia e fizeram o projeto acontecer, articulando as categorias raça/gênero.

Visando superar os estereótipos negativos sobre os negros e tudo aquilo relacionado a esses povos e considerando a importância da música no cotidiano de toda sociedade, o presente projeto foi batizado “No ritmo da representatividade”, pois teve a música como peça fundamental para contribuir para a formação de indivíduos empoderados através do “encontro da representatividade em seus brinquedos e artistas negros”. Criando suas próprias bonecas e bonecos pretos e conhecendo a biografia de cantores e compositores negros. Entretanto, a música não foi a única linguagem artística utilizada no projeto, a arte visual, a dança, a literatura e o teatro foram fundamentais para o desenvolvimento deste.

OS OBJETIVOS DO PROJETO

A principal intenção do projeto No Ritmo da Representatividade foi por meio da música contribuir para a formação de indivíduos empoderados através do encontro da representatividade em seus brinquedos e nos artistas negros, reconhecendo e valorizando sua cultura, origem e herança étnica, revelando uma imagem positiva de si e do outro, buscando estreitar a relação entre a família e a escola. Foram definidas as expectativas de aprendizagens inspiradas no Referencial Curricular Municipal de Educação Infantil de Salvador:

Descobrir, conhecer e controlar, progressivamente, o próprio corpo, formando uma imagem positiva de si mesmo; Reconhecer e valorizar sua cultura, origem e herança étnica; Perceber a relação e vínculo entre sua família e a escola; Dramatizar uma história usando fantasias; Perceber que no mundo social há uma diversidade de pessoas, culturas, crenças e estilos; Expressar-se, corporalmente, por meio da dança, brincadeiras, jogos corporais e de outros movimentos; Apreciar apresentações de dança de diferentes origens e ritmos e outras expressões da cultura corporal; Reconhecer os diversos gêneros e estilos musicais; Conhecer a biografia de grandes músicos e compositores e interessar-se pela vida de artistas locais; Conhecer a memória musical das famílias; Reconhecer e valorizar a função social da língua escrita e valorizar a leitura; Observar e descrever capacidade: vazio/cheio; Reconhecer e apreciar a geometria no mundo cotidiano e nas artes visuais; Participar do planejamento e da organização dos ambientes; Explorar diferentes materiais nas suas experiências plásticas, de forma autônoma; Perceber as especificidades (materiais, procedimentos) das técnicas plásticas: desenho, pintura, modelagem, construção; Criar imagens e objetos a partir de uma organização e respeito relacionados aos materiais e ao espaço, individuais e coletivos; Utilizar materiais diferentes para produção artística, reconhecendo a beleza e diversas possibilidades de uso das formas e texturas; Perceber o processo criador de outros autores (colegas e artistas) a fim de ampliar o seu repertório criador.; Valorizar sua produção pessoal, bem como a dos outros autores.

Para selecionar os conteúdos, os procedimentos e os materiais do projeto, foi levado em consideração a necessidade de promover o desenvolvimento integral das crianças através das diferentes linguagens artísticas, do acesso a materiais diversos de diferentes texturas e aos diferentes campos de experiência.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS DESTE PROJETO

A sociedade brasileira tem buscado formas diversas para combater um grave problema que afeta diariamente grande parte de sua população. Este problema é o preconceito étnico-racial, o qual se faz presente desde muito cedo na vida das crianças, que não se sentem valorizadas ou incluídas no seu próprio meio social.

Segundo Franco (2008, p. 161), o “racismo é o comportamento baseado na valorização das diferenças biológicas, tais como, cor da pele, tipo de cabelo, formato do nariz e que acredita na superioridade de uma raça em detrimento da outra.” Infelizmente, ainda neste século, a sociedade brasileira mantém enraizado resquícios da colonização que estabeleceu padrões de beleza eurocêntrico, discriminando tudo aquilo que não é padrão europeu.

A inserção da música no cotidiano das escolas pode ser um caminho para superação de preconceitos, ampliação de repertório e valorização de culturas e identidades, porém tornar seu estudo relevante para crianças, jovens e adultos requer muito mais que empenho dos profissionais da área, é necessário “compreensão sobre o que é a educação musical, o que ela aborda e como o faz” (COUTO; SANTOS, 2009, p. 111), tanto do professor como de toda sociedade.

Diante deste cenário, o desafio de incluir a música e a confecção de bonecas e bonecos pretos em um projeto pedagógico de uma escola inserida em um contexto no qual há um processo histórico de supervalorização da cultura branca, promover a valorização da própria identidade étnica por meio da arte do som, perpassa pela desconstrução de paradigmas e pela própria concepção equivocada que se tem da arte de modo geral. Segundo Couto e Santos (2009, p.115), “notamos a importância e valor que determinada área do conhecimento possui para uma determinada sociedade na medida que analisamos a estruturação do seu currículo escolar”.

Desse modo, sabendo da importância dessa arte no currículo, o grande desafio dos educadores deste século, especialmente os das escolas públicas, é lutar por condições dignas de ensino e aprendizagem, buscando democratizar o conhecimento acerca das diferentes linguagens artísticas, ampliando a visão de mundo de crianças, jovens e adultos, buscando o respeito a diversidade, ressignificando conceitos e buscando criar um futuro sem preconceito étnico, sem negação identitária, antirracista e sem dúvidas, muito mais humano.

Para realizar tal façanha, recorri a diversas fontes, entre elas busquei os saberes apontados por Paulo Freire (1996): pesquisa, respeito aos saberes do educando, criticidade, estética e ética, reconhecimento da identidade cultural, rigorosidade metódica, bom senso e acima de tudo alegria e esperança. Dentre os saberes apontados, todos de extrema importância quero aqui dar ênfase a importância aos saberes do educando e a esperança, pois em qualquer processo de ensino aprendizagem, é indispensável ampliar o conhecimento dos alunos, não podemos desconsiderar saberes que cada indivíduo traz de sua trajetória fora da escola.

A internet também foi uma fonte indispensável para o trabalho prático na sala para acessar as músicas, fotos e vídeos. Dentre as canções utilizadas na sala estão: “BONECAS PRETAS” de Larissa Luz; “MENINA PRETINHA” de MC Soffia; “FELICIDADE” de Seu Jorge; “NORMAL É SER DIFERENTE” de Jair Oliveira; “GENTE” e “AMAR É BOM” de Jauperi. A bibliografia dos artistas apresentados as crianças, também foram consultadas pela internet. Escolhemos as cantores Larissa Luz, MC Soffia, Seu Jorge e Jauperi para as crianças terem as referências de artistas negros e dois deles por serem soteropolitanos (Larissa Luz e Jauperi). Os artistas foram apresentados para as elas através de fotos e encarte de cds. Foi muito interessante o quanto se identificaram com eles, as meninas diziam: “eu sou MC Soffia”, “eu quero ser a Larissa Luz”. Os meninos por sua vez afirmavam: “eu sou Seu Jorge”; “eu sou igual a Jau”.

É importante ressaltar aqui que queremos que a música exerça seu papel libertador, entretanto não é qualquer abordagem que vale, pois não queremos correr o “risco de cair, acriticamente, e uma visão redentora da educação musical” (PENNA; BARROS; MELLO), reivindicamos uma educação contextualizada que priorize a formação global do indivíduo para a vida, dando a este o “poder” que ele precisa para enfrentá-la.

Considerando que a música pode ser uma eficaz ferramenta de transformação social. Sendo esta, muito mais que um simples contato com uma manifestação artística, mas podendo transformar as vidas daqueles que tem acesso a esse saber, ganhando um novo senso de valorização da própria identidade, compreensão sobre saber conhecer, fazer e viver, refletindo na vida. Torna-se urgente experiências musicais no espaço escolar, a começar pela Educação Infantil.

O PROJETO FOI PLANEJADO E DESENVOLVIDO DE FORMA COLABORATIVA COM OUTROS PROFESSORES E/OU COM A EQUIPE DE GESTÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA?

O projeto “no ritmo da representatividade” vivenciado pelas crianças do grupo 4 e eu estava totalmente alinhado a proposta da escola, pois trabalhamos com projetos bimestrais, e cada professor, com a sua turma, são desafiados a estabelecerem seus etnométodos para alcançar os objetivos

propostos. As experiências que aqui serão narradas foram vivenciadas pela turma do grupo 4, entretanto, cada turma da escola vivenciou o projeto “no ritmo da representatividade” de uma forma singular. Todos os professores e equipe pedagógica uniram-se para envolver as crianças e toda a comunidade no projeto. Uma das ações coletivas realizadas durante o projeto era a acolhida das crianças e seus familiares com uma música escolhida diariamente por um professor que era escutada por todos reunidos no pátio antes de entrarem nas salas. As canções que não conheciam, eram ouvidas com bastante atenção e ao final, todos batiam palmas em sinal de que estavam gostando. Os principais parceiros para realização desse projeto foram as famílias, os colegas e a gestão escola. As famílias, por toparem participar revelando seus repertórios e se dispondo a costurar, juntos com as crianças as bonecas e bonecos desenhados pelos pequenos e depois por participar do desfile de criadores e suas criações na escola. A gestão por não medir esforços para contribuir no possível para as ações dos projetos serem realizadas. Os colegas também foram os melhores aliados na troca de ideias e até mesmo no compartilhamento de materiais que infelizmente é de grande escassez na rede pública e sem a solidariedade mútua, muitas coisas não poderiam ser realizadas.

A REALIZAÇÃO DO PROJETO

Durante o projeto, “**NO RITMO DA REPRESENTATIVIDADE**”, o grupo 4 explorou a linguagem musical cantando e dançando músicas que exaltam o respeito às diferenças, o amor ao próximo e a busca do fortalecimento da própria identidade e representação. Dentre as diversas canções e ritmos que embalaram o nosso projeto, estão as músicas: “Normal ser diferente” de Jair Oliveira; “Gente” e “Amar é bom” de Jauperi; “Felicidade” de Seu Jorge; “Bonecas pretas” de Larissa Luz e “Menina pretinha” de Mc Soffia.

A partir dessas canções, os pequenos vivenciaram não só experiências musicais, mas também as linguagens das artes visuais, dança e teatro. O ponto alto da realização do projeto foi a produção de desenhos, feitos pelas crianças, inspiradas na história “A bonequinha preta” de Alaíde Lisboa de Oliveira, e nas canções Menina pretinha e Bonecas pretas de MC Soffia e Larissa Luz respectivamente. Os desenhos serviram como croquis de lindas bonecas e bonecos pretos, os quais ganharam vida nas mãos de seus familiares.

A partir dos desenhos feitos pelas crianças, as mulheres participantes do ateliê criaram, de forma singular, cada boneca e boneco idealizados por seus pequenos artistas. O livro “A bonequinha preta”, foi dramatizado pelas crianças que usaram acessórios e criaram seu próprio roteiro e performance para a história, a qual foi assistida por outras crianças da escola.

As músicas “Menina pretinha” e “Bonecas pretas”, fizeram sucesso entre os todos os envolvidos que durante a confecção das bonecas e bonecos, cantavam e dançavam as músicas citadas com bastante alegria. Entretanto, inicialmente, uma criança questionou as músicas apresentadas. Durante a execução, enquanto os outros cantavam e/ou dançavam ele permanecia sentado e calado. E quando era chamado para falar sobre a música ou dançar ele se recusava. Um dia, enquanto todos dançavam “Menina pretinha” ele fez a seguinte revelação:

M- Eu não posso ouvir essa música.

Professora- Porque M? você não gosta delas?

M- Eu gosto, mas essa música é do mundo! Minha mãe não deixa eu escutar música do mundo.

Professora- M, essa música não é do mundo é da MC Soffia.

M- Eu sei que é dela, mas eu só escuto música da igreja.

Professora: M, o planeta terra é o mundo, a nossa escola está no mundo, a sua igreja também é desse mundo, você, eu, sua família estamos aqui, certo? Nessa música e nas outras que escutamos aqui, tem alguma coisa que você acha que é falta de respeito, tem alguma palavra que você considera que Deus fica triste ao ouvir?

M- Não. A música fala de respeito, amor, carinho, chama a menina de rainha. Que a gente que é preto é bonito e importante... pró, eu posso dançar também?

Professora- Faça o que você achar certo M.

Essa conversa com M. gerou uma outra conversa com a mãe dele que chegou no ateliê contando que M. havia compartilhado com ela o diálogo que tivemos. Repeti o mesmo discurso para ela que assim como o filho, participou de todas as etapas do projeto e desfilou para toda a escola ao lado de seu filho, o

boneco que ele idealizou e ela costurou, ao som de MC Soffia e Larissa Luz, no ritmo da representatividade.

Problemas não encontrados pela criança no grupo familiar poderão ser encontrados no cotidiano escolar. Consequentemente, a ausência de relação entre família e a escola impossibilita, a ambas as partes a realização de um processo de socialização que propicie um desenvolvimento sadio. Coloca em jogo não só o mundo a ser interiorizado pela criança, mas, principalmente, o seu lugar no mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo, a sua própria existência. (CAVALLEIRO, 2018, p. 18)

Durante o projeto, foi perceptível a mudança de postura das crianças acerca da utilização das bonecas pretas em suas brincadeiras e a expectativa para que seus brinquedos ficassem prontos. O ateliê de bonecas e bonecos pretos contou com a participação de noventa por cento das famílias. As crianças que não estavam representadas, por algum motivo, contou com a solidariedade dos familiares dos colegas que adotaram prontamente uma boneca ou boneco para fazer, assim, todos os desenhos das crianças foram transformados em bonecas.

Contamos com a participação, em nosso ateliê, de uma artesã da comunidade, mãe de uma criança da escola que aceitou prontamente o convite para ajudar as mulheres que foram participar dessa etapa do projeto. A artesã convidada levou a sua máquina de costura e orientou as pessoas que apresentavam dificuldades ou que solicitavam ajuda.

O ateliê contou também com a ajuda das crianças que auxiliavam colocando a linha na agulha, informando os detalhes que queriam em seus bonecos, colocando enchimento nos mesmos, entre outros. Elas também escolheram os nomes de seus bonecos os quais foram divulgados durante a “Exposição no Ritmo da Representatividade”, na qual os bonecos foram expostos ao lado dos desenhos que o inspiram.

Além da exposição, organizamos também o desfile que mobilizou as crianças do grupo 4 a mostrarem para todos da escola sua beleza e criatividade junto aos seus familiares. Ao ritmo da música “Bonecas pretas” de Larissa Luz, exibiram seus bonecos e bonecas pretas desenhados por elas e produzidos por seus familiares e ao som de MC Soffia, desfilaram beleza, valorização da sua origem étnica e empoderamento. dizendo sim ao respeito e não ao racismo.

Descobrimos também que quando há parceria entre a família e a escola, tudo é possível! O desenho de criança pode ganhar vida e transformar-se em lindas bonecas e bonecos a partir de mãos dispostas, cuidadosas, e amorosas de mães, avós e irmãs que se colocaram à disposição para embarcar na aventura.

Antes do projeto, era comum as crianças usarem o bege para representar a cor da sua pele e até se autodepreciando dizendo ser feio ou feia. Eles não se reconheciam como negros (pretos e pardos). A partir das intervenções, as crianças passaram a aceitar as suas origens e a socializar o que estavam aprendendo com as suas famílias. Conheceram os diversos tons de pele preta a partir da contação das histórias “Que cor é minha cor” de Marta Rodrigues e “A cor de Coraline” de Alexandre Rampazo, além da apresentação de uma caixa de giz de cera da marca Pintkor com diferentes tons de pele que passaram a ser utilizados pelas crianças em suas produções.

Durante todo o projeto vários materiais foram necessários para a realização do mesmo, dentre eles estão papel ofício; lápis; lápis de cera; aparelho de som; máquina de costura; TV; CDs; pendrive; cola branca; hidrocor; tinta guache; papelão; tecido; retalhos de tecido; camiseta; tinta para tecido; cola puff; botões; missangas; linha; agulha; lã, dentre outros. Durante os dois meses de duração do projeto, foi revelado para nós que a música nos une, nos humaniza e potencializa nosso autoconhecimento e respeito ao outro.

A AVALIAÇÃO DO PROJETO

A avaliação do projeto foi realizada através da observação, registros das falas e atitudes das crianças, pela professora, durante o projeto e fotografias das atividades realizadas. Critérios como participação, interesse para realização das atividades propostas, envolvimento com a temática e disposição para realização das atividades também foram considerados. Os registros feitos serviram para compor os portfólios individuais das crianças e para acompanhar o desenvolvimento integral os mesmos. Durante a execução do projeto, eram reavaliadas as ações, a partir as intervenções e sugestões das crianças até mesmo das famílias envolvidas. Foi idealizado, por exemplo, um encontro para realização do

ateliê, entretanto no decorrer do fazer, percebeu-se a necessidade de outros encontros para dar conta da demanda, revelando que durante todo processo é necessário ação-reflexão-ação.

Uma das cenas mais marcantes do projeto foi ouvir uma das crianças brancas da turma (a qual identificaremos aqui como A.), chegar perto de mim com a melhor amiga negra (que chamaremos de M.):

M- “Pró, Alda está triste.”

Professora: O que houve?

A- Sabe, eu queria ser negra igual a M. [fala com voz embargada e cabeça baixa]

Nesse momento, em que fiquei bastante emocionada com essa declaração e confesso, sem palavras, a própria M. resolve responder para A. “Não fique assim A, olhe pra mim. O importante é que mesmo a gente sendo diferente a gente se ama e se respeita. Isso sim é o que importa! Eu sou linda e você também é. [A, abre um sorriso e abraça a amiga]”.

Vivenciar essa cena, me fez refletir sobre questionamentos feitos por Eliane Cavalleiro (2018, p. 20) “Então, o que significa ser uma criança negra ou branca na relação social que se realiza na escola? E nela, o que a criança pode aprender sobre si própria e sobre os outros a sua volta?” Responder a essas perguntas, no contexto em que a autora realizou o estudo, no qual a pesquisa e o debate sobre as relações étnico-raciais eram precários, é bastante diferente do contexto desta pesquisa. No registro feito por Cavalleiro, o silenciamento e desrespeito à criança negra pelas docentes e pelos próprios colegas brancos era notório. As crianças dessa cena, por sua vez, inseridas em outro contexto, são capazes de assimilar suas realidades e dar suas próprias respostas baseadas em discussões prévias que estimulavam a promoção de boas relações étnico-raciais. Quando um adulto silenciou, a própria criança é protagonista de sua fala antirracista e amorosa.

A experiência vivenciada no projeto por mim e pelas crianças contribuiu para o desenvolvimento integral das mesmas devido a relevância da temática e necessidade de dialogar com elas sobre a importância da valorização da sua identidade étnico-cultural contribuindo para a formação de uma imagem positiva de si mesmo, respeitando as diferenças.

No referido projeto foi levado em consideração a valorização da cultura da infância, a criança como sujeito de direitos, produtora de cultura, as diferentes linguagens artísticas, bem como os campos de experiências. Cavalleiro compreende que:

O reconhecimento positivo das diferenças étnicas deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida. Para tornar a pré-escola um espaço positivo de entendimento das diferenças étnicas, é necessário observarmos o processo de socialização atualmente desenvolvido no espaço escolar, que, conforme demonstrado por diversos estudos e pesquisas, parece ignorar essa questão. Contudo, a educação infantil não pode esquivar-se do dever de prepara o indivíduo para a existência das diferenças étnicas, já que ela, inevitavelmente, permeará a sua relação com os demais cidadãos. (CAVALLEIRO, 2018, p. 26)

Brincar com as bonecas pretas passou a ser natural em suas brincadeiras. Pediam diariamente para levar sua boneca ou boneco para casa diariamente justificando “Minha pró, eu quero levar minha boneca para casa para brincar com ela lá e mostrar pra todo mundo” (R., 4 anos). Já J (4 anos) dizia “Quero mostrar o meu boneco para o meu pai e brincar com ele lá em casa”.

As crianças também revelavam que se sentiam representadas por seus novos brinquedos, inclusive colocando seus próprios nomes em seus bonecos. Além disso, as crianças também se sentiram representados pelos artistas apresentados a elas e diziam: “Eu sou Seu Jorge” (B., 5 anos). Já C (4 anos) afirmava “Eu sou MC Sofia” e D (5 anos) “Eu quero ser igual a ela” - referindo-se a Larissa Luz.

Ao longo dessa experiência, pude perceber o quanto as crianças são capazes de aprender e ensinar, acrescentando seu toque de delicadeza e criatividade tornavam as aprendizagens mais significativas e divertidas. Depoimentos dos pequenos foram incentivos para continuar com o meu compromisso profissional em prol de uma educação para as relações étnico-raciais de qualidade. Além disso, as famílias também foram fundamentais e revelaram o quanto se envolveram na experiência.

M- Estou amando participar dessa oficina pró. Tenho três filhos e é a primeira vez que sou chamada na escola para fazer uma coisa tão bonita.”

S- Tenho depressão e está aqui hoje, fazendo um boneco que o meu filho está tão empolgado por ter feito, tá sendo uma terapia.

R- Eu já sofri tanto por ser negra e hoje o que eu mais quero é que a minha filha não passe pelo o que eu passei.

Percebo a necessidade de a Educação Infantil assumir a responsabilidade de educar para as relações étnico-raciais preparando as crianças para o reconhecimento e aceitação das diferenças étnico-raciais, estreitando a relação e vínculo entre a família e a escola. Proporcionando vivências utilizando a arte educação como ferramenta de fortalecimento de identidade, cultura e autoestima. Ações como esta, proporcionam a todos os envolvidos perceber que a música (a arte do som), com seus diversos ritmos e letras, tem o poder dialogar com outros campos do saber e de agregar crianças/adultos, família/escola com uma única finalidade: nos tornar combativos frente ao racismo.

Assim como Larissa Luz (2016) que questiona na sua canção “*Bonecas pretas*” a inviabilidade de bonecas pretas no mercado, a escola precisa questionar o seu currículo trocando “estética opressora, por identificação transformadora” (LARISSA LUZ, 2016). Essa troca precisa começar pelos livros didáticos e paradidáticos. Pelas datas comemorativas que a escola valoriza e os heróis que ela celebra. As crianças negras e seus familiares precisam ver “esse brinquedo” ocupando as vitrines das principais lojas, anúncios, revistas e jornais, ou seja, necessitam ser representados em todos os espaços.

A procura por bonecas pretas tem uma conotação mais profunda quando percebemos que a busca principal é por representação. É necessário superar a imposição de um conteúdo programático que não valoriza o universo cultural africano e afrodescendente, rompendo estereótipos, preconceitos e racismos com música, dança, teatro, artes plásticas e literatura.

O projeto “No ritmo da representatividade” foi fundante para a nossa escola, primeiro por dialogar com os documentos oficiais que valorizam o ensino da Arte na escola e as relações étnico raciais a fim de promover o desenvolvimento cultural e integral das crianças, também pela relevância da temática e pela necessidade de dialogar com elas sobre a importância do respeito as diferenças e o papel de cada um de nós como agente modificador do ambiente sendo responsáveis por promover a equidade, sendo o diálogo, a música, a arte, ferramentas eficazes para ajudar nesse processo.

REFERÊNCIAS:

BARBIERI, Stela. **Interações: Onde está a arte na Infância.** São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).

BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte.** 7. ed. São Paulo: CORTEZ, 2012, p. 13-27.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê.** Ilustração Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei número 9.394/ 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 03 jun. 2020.

CAVALLEIRO. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito, e discriminação na educação infantil.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CORREIA, Soffia Gomes da Rocha Gregório. **Menina pretinha.** Rio de Janeiro. Bonga Produções. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

COUTO, Ana Carolina Nunes; SANTOS, Israel Rodrigues Souza. *Por que vamos ensinar música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da educação musical escolar.* Opus, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 110-125, jun. 2009.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças. Educação e Diversidade Étnico-Cultural: concepções elaboradas por estudantes no âmbito da Escola Municipal Helena Magalhães. 210 f. il. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JESUS, Larissa Luz de. **Bonecas pretas**. Salvador: Attack Estúdio, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qk3-0qaYTzk>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

OLIVEIRA, Jair. **Normal ser diferente**. Porto Alegre. Alopra Estúdio. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg>. Acesso em: 02 jun. 2020

PENNA, Maura. Poéticas Musicais e Práticas Sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade. In. *Música(s) e seu Ensino*. 2a Ed. Porto Alegre: Sulina, 2012. (p. 81-100).

QUEIROZ, Luís Ricardo S. A Música como fenômeno sociocultural, perspectivas para uma educação musical abrangente. In. *Contexturas: o Ensino da arte em diferentes espaços*. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2005. (p. 49 – 65).

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

RODRIGUES, Marta **Que cor é minha cor**. 3. ed. Belo horizonte: [Mazza Edições](#), 2017.

SALVADOR (BA). Secretaria Municipal da Educação. **Referencial Curricular Municipal para a Educação Infantil de Salvador**.-Salvador: Secretaria Municipal da Educação, 2015.

SANTOS, Jauperi Lázaro dos. **Amar é bom**. Faro Fino Digital. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tkumg8qUQI>>. Acesso em 02 jun. 2020.

SILVA, Jorge Mário da. **Felicidade**. Cafuné Produções Artísticas e Editoriais Ltda, Universal Music International. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zm5V_b47IM8>. Acesso em 02 jun. 2020.

OLIVEIRA. Alaíde Lisboa. **A Bonequinha Preta**. 3. ed. São Paulo: Le, 2005.

ANEXOS
NO RITMO DA REPRESENTATIVIDADE EM IMAGENS



CONHECENDO ARTISTAS E EXPLORANDO CANÇÕES



DRAMATIZAÇÃO "A BONEQUINHA PRETA"



CROQUIS DAS BONECAS E BONECOS





NOSSO ATELIÊ





BONECAS E BONECOS PRETOS





BONECAS E BONECOS PRETOS



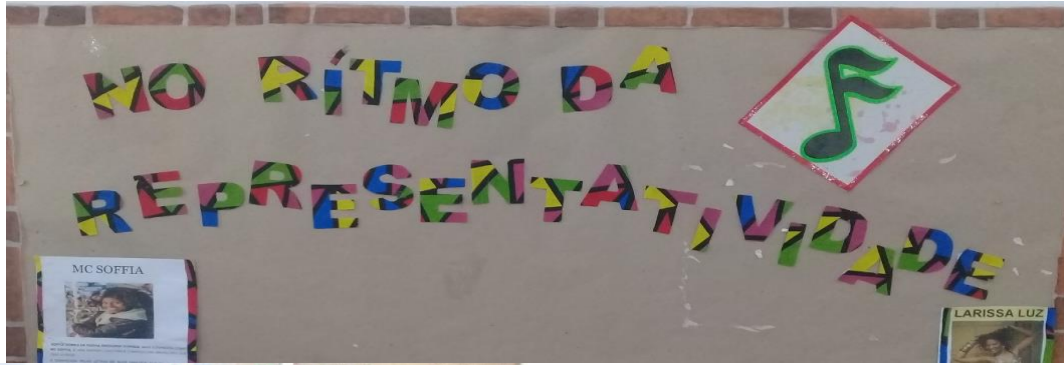


SURPRESA AO RECEBER SUA BONECA



ESCOLHENDO OS NOMES DAS SUAS BONECAS E BONECOS

DESFILE



MÃES NA PASSARELA



EXPOSIÇÃO



